



SILVA, Fabio Mario da. O épico escrito por mulheres na Península Ibérica: Bernarda Ferreira de Lacerda (1595-1644) e Soro Maria de Mesquita Pimentel (1581-1661). In: *Revista Épicas*, Ano 1, N. 1, Jun 2017, p. 89-101.

O ÉPICO ESCRITO POR MULHERES NA PENÍNSULA IBÉRICA: BERNARDA FERREIRA DE LACERDA (1595-1644) E SOROR MARIA DE MESQUITA PIMENTEL (1581-1661)

THE EPIC WRITTEN BY WOMEN IN THE IBERIAN PENINSULA: BERNARDA FERREIRA DE LACERDA (1595-1644) AND SOROR MARIA DE MESQUITA PIMENTEL (1581-1661)

Fabio Mario da Silva¹

Universidade Federal do Sul e Sudoeste do Pará (UNIFESSPA)

RESUMO: Este trabalho é uma apresentação sucinta de um projeto que está em curso pela Universidade de São Paulo e se refere à autoria feminina de expressão portuguesa anterior ao século XIX. Neste caso, escolhemos como exemplo para a nossa reflexão duas escritoras portuguesas do século XVII: uma que escreveu em português, Soror Maria de Mesquita Pimentel, objeto do nosso pós-doutorado, e outra em castelhano, Bernarda Ferreira de Lacerda, autoras que por adotarem o estilo épico – gênero literário historicamente atribuído à autoria masculina – se tornam pioneiras na Península Ibérica, mas ainda hoje permanecem envoltas de uma certa invisibilidade acadêmica e de reconhecimento crítico. Nosso objetivo é apresentar algumas características de suas obras.

Palavras-chave: Épica feminina; Literatura portuguesa do século XVII; Mulheres escritoras; Bernarda Ferreira de Lacerda; Soror Maria de Mesquita Pimentel.

ABSTRACT: This paper is a brief presentation of a project that is ongoing at the University of São Paulo and refers to female authors in the Portuguese language previous to the nineteenth century. In this case, we chose as an example for our reflection two Portuguese writers of the seventeenth century: one that wrote in Portuguese, Sister Maria de Mesquita Pimentel, object of our postdoctoral research and one in Castilian, Bernarda Ferreira de Lacerda, authors

¹ Professor-Doutor em Literatura pela Universidade de Évora, 2013. Universidade Federal do Sul e Sudoeste do Pará. Trabalho realizado durante o pós-doutorado na Universidade de São Paulo com bolsa FAPESP. E-mail: famamario@gmail.com.

who by adopting the epic style – literary genre historically attributed to male authors – become pioneers in the Iberian Peninsula, but still remain shrouded in a certain academic invisibility and critical recognition. Our aim is to present some characteristics of his works.

Keywords: Female epic; Portuguese literature from the seventeenth century; Women writers; Bernarda Ferreira de Lacerda; Sister Maria de Mesquita Pimentel.

À Professora-Doutora Ana Luísa Vilela, conselheira e amiga

Introdução

O gênero épico escrito por mulheres na Península Ibérica surge, inicialmente, no século XVII, através da escrita de duas portuguesas. Em primeiro lugar, com Bernarda Ferreira de Lacerda (1595-1644), mulher culta e erudita que adotou o castelhano como língua literária no sentido de obter uma maior divulgação do seu trabalho. Esta autora não apenas reescreve a história espanhola, mas nos apresenta também o contexto cristão e a presença árabe na Península com a publicação de *Hespaña Libertada* (1618). Inicialmente era previsto que *Hespaña Libertada* compusesse uma trilogia épica, contudo só foram publicadas a primeira parte, em 1618, ainda em vida da autora, e a segunda, que veio a lume através de sua filha, Maria Clara de Menezes², em 1673. Uma terceira parte é anunciada no final desta mas, efetivamente, nunca veio a ser escrita por causa da “*muerte intempestiva*” da autora, como assim é relatado numa nota prévia à segunda parte: “*Tercera parte determinava escribir la Autora, resumindo las gloriosas victorias al caçadas contra los Moros, desde el Rey D. Afonso el Sabio, hasta la conquista de Granada; mas el passar a mejor vida*” (ANÔNIMO, 1673, [s.p.]).

Por seu turno, Soror Maria de Mesquita Pimentel (1581-1661) (cf. MACHADO, 1752, p. 427), primeira mulher a escrever e publicar em língua portuguesa uma obra épica, nos relata, por causa do seu contexto monástico, a história da infância de Cristo, através da obra *Memorial da Infância de Christo e Triumpho do divino Amor* (1639), mas fá-lo não apenas sob a ótica religiosa pois traz para a sua narrativa os deuses da mitologia greco-romana. Essa obra também faria parte de uma trilogia: sabemos através de Diogo Barbosa Machado (cf. MACHADO, 1752, p. 178) que outros dois tomos, que seriam a continuação de *Memorial – Consta da vida, e milagres de Christo*

² Baranda considera esta parte com lapsos e estilo um pouco diferente da edição publicada em vida, o que quer dizer que não poderemos ter a certeza se a filha da escritora fez alguma intervenção ao texto, restando incógnita a terceira parte que nunca chegou a ser publicada e da qual não encontramos os manuscritos: “Y es una obra inacabada como denotam inmediatamente algunos detalles: la falta de invocaciones de la autora en el remate e inicio de los cantos, como exigía el género épico; o la distribución muy desigual de la materia entre los cantos, aspectos ambos que cuidó com detalhe en la primeira” (BARANDA, 2003, p. 226).

(segunda parte), e *Consta da Paixão do Redentor* (terceira parte) – se encontrariam depositados no Real Convento de Alcobaça e ter-se-iam, entretanto, perdido. Contudo, a historiadora Antónia Fialho Conde revela ter encontrado na Biblioteca Pública de Évora manuscritos que seriam a continuação desta trilogia épica (cf. CONDE, 2009, p. 355) contrariando, pois, a informação de Machado. Tais manuscritos são objeto do meu corrente estudo de pós-doutorado, que tem como propósito final a edição moderna desta trilogia. Ou seja, neste trabalho iremos apenas apontar algumas características das primeiras partes de ambas as obras épicas das autoras.

Lembremo-nos que António José Saraiva (cf. SARAIVA, 1979, p. 9) e Luís Filipe Lindley Cintra (cf. CINTRA, 1951, p. 267) sugerem que no contexto português a épica existe desde tempos remotos, numa tradição que procede da história de D. Afonso Henriques cantada nas vilas e nos castelos pelos jograis. No entanto, serão *Os Lusíadas* de Luís de Camões, como afirma Fidelino Figueiredo, o primeiro e grande modelo da épica lusitana. Segundo este autor, obras antecedentes e posteriores do contexto luso-brasileiro estariam longe de palpitar a “verdadeira inspiração épica” (FIGUEIREDO, 1987, p. 24) e cita Bernarda Ferreira de Lacerda (1595-1644) como única e primeira mulher a produzir uma obra em versos heroicos. Por seu turno, Hernâni Cidade, num texto intitulado *A Épica Portuguesa sob o Domínio Filipino*, considera que a produção épica, neste contexto histórico, assentaria em três categorias: assuntos de interesse ecumênico; poemas de inspiração exclusivamente patrióticos (todos estes de autoria masculina); e assuntos de interesse hispânico, aludindo igualmente a Bernarda Ferreira de Lacerda (cf. CIDADE, 1940, p. 14), já que esta autora se refere a questões de nacionalidade na perspectiva de uma “escritora ibérica”³. Nota-se assim que tanto Figueiredo como Cidade se esquecem de referenciar a epopeia de Soror Maria de Mesquita Pimentel, o que podemos associar a algumas problemáticas: apesar de a autoria feminina não ser algo frequentemente valorizado pela crítica no Portugal no século XVII, Bernarda Ferreira de Lacerda obteve reconhecimento literário tanto por castelhanos quanto por portugueses⁴, o que facilitaria sua inclusão na lista desses críticos; uma outra questão importante é que a literatura monástica feminina aparece com menor destaque do que a masculina nas histórias da literatura portuguesa, o que dificultaria o reconhecimento, e até o

³ Conferir os trabalhos de Nieves Baranda (2003) e de Fabio Mario Silva e Ana Luísa Vilela (2010).

⁴ *Idem*, p. 225.

conhecimento, do texto de Soror Maria Pimentel por parte desses críticos, visto que esse campo de estudo só vem, de fato, chamar a atenção da academia após os trabalhos de Ana Hatherly⁵, Isabel Morujão⁶, Vanda Anastácio⁷ e Antónia Fialho Conde⁸.

É preciso também referir, através dos estudos de Isabel Morujão, que podemos encontrar poemas heroicos e de carácter épico em outras obras escritas por mulheres: D. Helena da Silva, com *Vida de Nossa Senhora*, texto do século XVI, ordenado a partir dos versos de Virgílio, trabalho que se perdeu e não chegou a ser editado; do século XVIII encontramos obras de Soror Madalena da Glória como *A custo baixando ao Limbo* e *Jacob e Raquel*; por fim, de Soror Maria do Céu, do século XVIII, encontramos as obras *Ave Peregrina*, *Primaz do Deserto*, *Vida de Santa Doroteia* e *Metáfora da Vida de Santa Petronilha, filha do Príncipe dos Apóstolos S. Pedro* (cf. MORUJÃO, 2013, p. 140-141).

É aludir também que no contexto europeu as epopeias escritas por mulheres portuguesas são pioneiras antecedendo um grande vulto da literatura francesa, Anne-Marie du Bocage, traduzida mundialmente, e que é tida pela primeira mulher na França a escrever uma épica: *La Colombiade ou La foi portée au nouveau monde* (1758).

1. Características das “epopeias femininas” / Desenvolvimento

Primeiramente, encontramos Bernarda Ferreira de Lacerda, natural de Lisboa, que seria então a primeira mulher portuguesa a escrever e publicar uma epopeia, mas em castelhano. Contudo, pensamos que as afirmações da crítica Thereza Leitão de Barros ao acreditar ser um mero acaso a adoção, pela autora, da língua castelhana (cf. BARROS, 1924, p. 183), parecem ser um pouco precipitadas – pelo contrário, cremos que esta adoção é intencional, por várias razões.

⁵ Referimo-nos às edições de Soror Maria do Céu, *A Preciosa* e *Triunfo do Rosário repartido em cinco autos*, sob organização de Ana Hatherly.

⁶ Com a sua tese de doutorado apresentada à Universidade do Porto em 2001 sob o título *Por trás da grade: poesia conventual feminina em Portugal (sécs. XVII e XVIII)*, que deu origem a uma obra homônima publicada pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda, em 2013.

⁷ Na importante obra *Uma Antologia Improvável. A escrita das Mulheres (séculos XVI a XVIII)*. Lisboa: Relógio D'Água, 2013.

⁸ A historiadora Antónia Fialho Conde foi uma das pioneiras em Portugal ao tratar exclusivamente de uma documentação vasta do mosteiro feminino São Bento de Cástris em Évora, que deu origem à sua tese de doutorado intitulada *Cister a Sul: o mosteiro de S. Bento de Cástris e a congregação autónoma de Alcobaça*, apresentada à Universidade de Évora em 2004.

Primeiro, Bernarda Ferreira de Lacerda viveu num período no qual esta língua era considerada uma língua franca na Península Ibérica. A autora foi educada por professores selecionados por seu pai, de formação erudita, e dominando várias línguas, por isso, cremos, tal como afirma Nieves Baranda, que esta sua preferência pelo castelhano reflete uma busca por maior difusão e prestígio literário para a sua obra (cf. BARANDA, 2003, p. 226). Finalmente, para dona Bernarda Ferreira de Lacerda, que escrevera sobre um tema referente à história da Península Ibérica, na *Hespaña Libertada*, continuar escrevendo em castelhano facilitaria seu reconhecimento em ambas as cortes: em Lisboa e em Castela. Não é à toa que ela dedica sua obra a Filipe III referindo, ainda no primeiro canto, que apesar do seu reino ser lusitano, ela vai cantar em castelhano porque

Confieso de tu lengua que merece
Mejor lugar despues de La Latina,
Com que en muchas palabras se parece
[...]
Com su pronunciacion y dulces modos,
Y la Hespañola es fácil para todos (LACERDA, 1618, Canto I, est. 6, fl. 2).

Além disso, os seus biógrafos referem que Bernarda Ferreira de Lacerda foi convidada por Filipe II de Espanha para ser preceptora dos seus filhos, o que ela terá recusado.

Hespaña Libertada, publicada em Lisboa, narra, em sua essência, a invasão da Península Ibérica pelos mouros, ou seja, paralelamente a autora escreve as problemáticas em volta da história do Al-Andalus – sob a ótica de uma mulher cristã⁹ que desvaloriza os mouros pagãos, ficando evidente a associação que identifica ser espanhol e ser português ao ser cristão –, que compõe a parte espanhola da Andaluzia, não se esquecendo, mais precisamente na segunda parte, publicada em 1673, de narrar a luta dos portugueses contra os mouros, desde Lisboa (Cantos I e V) até ao cerco de Coimbra (Canto X). A autora teria assim o objetivo de interligar as duas nações através de fatos históricos e feitos valorosos. Por isso Hernâni Cidade chega a referir que este poema épico é “como se vê, dos mais adequados a exaltar a colaboração dos dois povos na realização do ideal que os unira” (CIDADE, 1940, p. 4). Aliás, a autora faz questão, na segunda parte desta trilogia, de acentuar essa proximidade ibérica:

⁹ Lembremo-nos que, mesmo sendo casada, Dona Bernarda tinha uma extrema devoção pela Ordem do Carmo, visto que tinha querido professar nesta Ordem, mas foi induzida pelo pai a casar-se com Fernão Correia de Sousa, e é por isso, cremos, que os aspectos religiosos estão fortemente marcados em sua poética.

Canto la Lusitana Fortaleza,
La constante lealtad, los claros hechos,
El Hórado valor, gentil destreza,
[...] (LACERDA, 1673, Canto I, est. 1, fl. 1).

Dire de Portugal, y de Castilla
Venturosas proezas, altas glorias,
A quien humildemente se arropilla
Lo màs sublime de inclytas memorias:
[...] (LACERDA, 1673, Canto I, est. 2, fl. 1).

Acreditamos que se a autora tivesse escrito a terceira parte, certamente abordaria com ênfase, cumprindo assim a lógica histórica que se propôs narrar, a tomada de Granada pelos reis Católicos, bem como a região portuguesa que permaneceu sob domínio árabe até mais tardiamente, o Algarve, relatando a expulsão dos últimos mouros e término de seu império Andaluz.

Refira-se ainda que *Hespaña Libertada* (primeira parte) se inicia dentro do período histórico que vai desde o rei Pelayo a D. Afonso VI, enfocando a resistência das Astúrias e relatando a batalha em Covadonga, sendo que a principal fonte história que a autora utilizaria para essa incursão seria, segundo Nieves Baranda, a *Historia general de España* do padre jesuíta Juan de Mariana: “podemos decir que Ferreira de Lacerda sigue estrechamente a Mariana, como se observa bien en la inclusión de várias de sus arengas, discursos en estilo directo” (BARANDA, 2003, p. 227).

Esta obra canta os feitos gloriosos da nação espanhola, feitos esses que, na ótica da autora, se deveriam justamente por elevarem o cristianismo à categoria maior de religiosidade e identidade ibéricas, em oposição ao islamismo ao paganismo. Essa obra tem a preocupação de reafirmar a história de Espanha sob o domínio libertador da Igreja Católica, contrapondo as personagens dentro de categorias maniqueístas: os cristãos são geralmente caracterizados como homens e mulheres corajosos, dignos e imbuídos de missão catequética e universal, que é o combate dos hereges mouros:

A libertad de nuestra Hespaña canto,
Y hazañas de aquel Godo valeroso,
Que com Animo osado, y zelo santo
La fue quitando el jugo trabajoso.
Y los hechos tambien dignos de espanto,
Y de sublime verbo belicoso,
Que hizo la Hespañola gente fuerte

Triumphando del tiempo, y de la muerte (LACERDA, 1618, Canto I, est. 1, fl. 1).
[...]
Y dio gracias a Dios por verse sana
Recibiendo tambien la fé Christiana (LACERDA, 1618, Canto VIII, est. 94, fl. 146).

Já os mouros são retratados como cruéis, descritos como profanadores e perigosos à nacionalidade espanhola, neste caso, à sua identidade cristã: “*Procuraron los Moros inhumanos/ Sugetar mas províncias de Christianos*” (LACERDA, 1618, Canto I, est. 28, fl. 5v.).

Já Soror Maria de Mesquita Pimentel (1581-1661), natural de Estremoz e professa no Mosteiro Cisterciense de São Bento de Cástris, em Évora¹⁰, foi escritora que, por ser uma monja enclausurada, com o intento de obedecer às regras de uma epopeia, mas sem extrapolar o limite temático permitido às poucas mulheres letradas de então – o tema religioso.

A dedicatória à Virgem Senhora Nossa do Desterro em conjunto com referências a seres mitológicos inspirou a sua narrativa. Estes são os mecanismos através dos quais a autora preenche os requisitos básicos do poema épico clássico, e através dos quais ela se refere, no meio de um trabalho religioso, a várias entidades da mitologia grega e romana, indo longe ao ponto de pedir a ajuda de Apolo e Minerva na melhoria da sua musicalidade (cf. PIMENTEL, 1639, Canto I, est. 4, fl. 1v.). A Virgem Maria combina assim os atributos de beleza, fragilidade e bravura, e é descrita como uma mulher de características sobre-humanas: “Não só na perfeição e graça de sua alma/ Ela é uma Phoenix singular e sobrehumana” (PIMENTEL, Canto II, est. 29, fl. 22v.¹¹). Coincidentemente, Bernarda Ferreira de Lacerda usa as mesmas estratégias que Pimentel: primeiramente faz evocar Apolo, para depois se adentrar e evocar temas bíblicos, neste caso, evocando os apóstolos:

Porque el Patron de Hespaña há de ser solo
Mi Parnaso, Helicon, y rubio Apolo. (LACERDA, 1618, Canto I, est.2, fl. 1)
[...]
Desde esse Olympo (donde estais piando
Las estrellas que vuestra luz apoca)
Os pido que mireis de quando en quando
A quien, divino Apostol, os invoca.
Dadme un estilo grave, dulce, y blando,
Derramad vuestras gracias en mi boca,

¹⁰ Innocencio Francisco da Silva alerta para o facto de que a autora é realmente religiosa cisterciense no Mosteiro de São Bento em Évora, refutando a informação dada por Jorge Cardoso, no *Agiologio* (tomo III, 1652, p. 442), de que teria a escritora professado em Celas, bispado de Coimbra (SILVA, l., 1858, p. 141.)

¹¹ Conferir o artigo de nossa lavra, “A Virgem Maria, a heroína épica de Soror Maria de Mesquita Pimentel” publicado na *Revista Navegações* em 2014.

Que si a los Hespãñoles amais tanto,
Bienes que me aydeis pues dellos canto (LACERDA, 1618, Canto I, est. 3, fl. 1v.).

Retomando a éþica de Soror Maria Pimentel, a narrativa comeþa em algum tempo remoto, muito antes da criaþão do mundo terreno, em um mundo habitado por anjos celestiais, onde é revelado aos anjos que, no futuro, Jesus será o salvador da humanidade. Essa descoberta desperta inveja e rebelião em Lúcifer que, juntamente com outros anjos descontentes, desencadeia uma guerra divina¹² contra as restantes criaturas do Céu. Os rebeldes são derrotados e exilados para um reino onde só sofrimento e dor regram, e cuja descrição claramente tem sua base no reino mitológico de Hades. Posteriormente, Pimentel relata como Deus primeiro cria o mundo e, em seguida, Adão e Eva, que mais tarde traria o pecado para a humanidade. Em sua narrativa, Pimentel claramente procurou implantar passagens autênticas da *Bíblia* – como, por exemplo, a vinda dos três Reis Magos para adorar o menino-Deus; a sua apresentação no Templo, de acordo com o ritual da Torá; o massacre dos primogênitos em Belém; a fuga da Sagrada Família para o Egito – ficcionalizando-os a um grau que os associa com a intervenção de seres imaginários.

É preciso também frisar que embora a narrativa de Pimentel tenha como tema principal a infância de Cristo, muitas vezes retoma a ideia de salvação devido a essa mulher que é, ao mesmo tempo, humana e divina, a Virgem Maria, protetora do menino Jesus. Assim, não é inesperado quando Adão se refere a uma “futura Virgem Imaculada” (PIMENTEL, 2014, p.57) que, transformada em forma humana vai combater o pecado – uma figura que consegue combinar uma série de qualidades, despertando benevolência e reverência tanto entre os seres supremos que habitam o universo cristão (anjos) quanto entre os seres do universo greco-romano (ninfas e deuses). O narrador atribui especial importância a esta dualidade divina, suplicando pela primeira vez a seres mitológicos para sintonizar sua lira e dotá-la com os talentos vocais excepcionais e, em seguida, rogando à Virgem Maria para lhe dar o poder e a eloquência necessárias, já que suas habilidades poéticas são tão limitadas e grosseiras:

E porque a perfeição d’esta obra acabe,
Em extasi he justo se levante,
Adorando em seu ventre o q não cabe
No Ceo, nelle vê tornado infante:

¹² Outro fato importante a observar é que se em Soror Maria Pimentel nos deparamos com uma divina batalha, já em Bernarda Ferreira de Lacerda encontramos uma batalha terrestre, entre o exército espanhol contra os mouros invasores, recorrendo à história da Espanha.

O que sentio então, só ella o sabe,
E nem de hum Seraphim ferà bastante,
Para o poder dizer, a lingua aguda,
Quanto mais esta minha, q he tão ruda (PIMENTEL, 1639, Canto II, est. 90, fl. 33).

A gloria que sentis, alta Princeza,
Mal poderà de mim ser explicada,
Por quanto he infinita na grandeza,
E Minha posse he muito limitada:
Mas para proseguir tão alta empreza,
Daime huma voz excelsa, & delicada,
Porque afinando o plectro, entretanto
A elle leda ponha novo Canto (PIMENTEL, 1639, Canto II, est. 91, fl. 32v.).

Outro fato importante que figura nas obras em análise é a referência a problemáticas em torno do feminino que ambas as autoras fazem questão, cada uma à sua maneira, de tratar, assumindo, ou não, a sua condição feminina. Isto fica claro, por exemplo, no espanto pela qualidade da obra de Pimentel que exprime o Padre Luiz Mendes, numa décima que antecede a obra¹³, que a louva dizendo: “Nesta história que teceis/ Com artifício e saber,/ Já não pareceis mulher,/ mas Salamão pareceis” (MENDES, 1639, [s.p.]). Já Frei Dâmaso da Apresentação, na licença inquisitorial que assinou no início da obra, refere que tal erudição, em matérias da Santa Teologia, como a que Pimentel demonstra sem nunca ter cursado escolas, só poderia se dever a uma intervenção divina: Deus lhe falou ao coração e ela só à voz do divino, seu Esposo, aplicou sempre a orelha: “pode presumir que dos altos e soberanos pensamentos que da divina voz concebeu, nasceu este parto tão prodigioso” (APRESENTAÇÃO, 1639, [s.p.]). A incredulidade de que um gênio feminino pudesse construir uma obra tão significativa é reveladora de uma visão misógina, que teria como meta sempre a comparação com o masculino ou a crença numa intervenção mística. A própria Soror Pimentel assume esta ideia de inferioridade feminina ao referir que a primeira mulher, Eva, foi quem terá feito sucumbir a humanidade por seu pecado, ideia disseminada entre diversos doutores da Igreja e pelo discurso oficial da Igreja Católica desde a Idade Média. Contudo, refere que uma outra será, por mérito, a salvadora feminina, a Virgem Maria:

Se per uma mulher pouco avisada
A geração humana foi perdida,

¹³ Após o prólogo há cinco sonetos, uma décima e um poema em redondilha maior, escrito em português e castelhano, de autoria de diversos religiosos, que procuram enfatizar a qualidade da obra.

Per outra, que terá supremo aviso
A posse alcançará do paraíso (PIMENTEL, 1639, Canto I, est. 92, fl. 16).

Pimentel, assumindo a excepcionalidade de sua escrita, crê mesmo que seu trabalho vem de dotes divinos, mas esclarece que essa intervenção se deve a uma outra mulher, a Virgem Maria: “por sua divina intercessão espero recebais meus entranháveis afeitos q em este assumpto vos consagro” (PIMENTEL, 1639, [s.p.]). Já Bernarda Ferreira de Lacerda também alude a esta concessão misógina que permeia o século XVII português ao admitir, no seu canto, a sua incapacidade enquanto mulher-escritora:

A vos de vuestra Hespaña libertada,
Offrezco aqui la historia verdadeira,
No com fabulas vanas afeitada
Que com ellas sus grandezas ofendiera (LACERDA, 1618, Canto I, est. 9, fl. 2v.).

Mucho lo procure, pero no atino:
Porque esta profesion como es agena
De nuestro inculto ingenio feminino,
Solo puedo ofrecer voluntad buena (LACERDA, 1618, Canto I, est. 10, fl. 2v.).

Dona Bernarda de Lacerda aceita aqui o preconceito em volta da ideia da baixa intelectualidade feminina, disseminada desde os tempos gregos por autores como Aristóteles que infere, a partir das diferenças biológicas, o estatuto de inferioridade das mulheres no plano cognitivo e ético-político¹⁴, atitude essa reforçada séculos mais tarde pela Igreja no seu combate às bruxas e à heresia, passando pelo pensamento misógino e intelectual de psicanalistas, como Freud, até desembocar em regimes totalitários, como o fascismo e o nazismo¹⁵. Contudo, apesar de assumir o seu papel social enquanto mulher, Lacerda não desprestigia sua obra porque ela conteria a “verdade”, e por isso seria deveras útil e instrutiva, sem manchar, com conjecturas desvirtuadas de fatos históricos, as heroicas virtudes dessa Espanha libertada, tornando-se assim uma obra importante de matéria histórica e literária. É preciso ressaltar que, para ambas as autoras, admitir tal estereótipo seria importante até para ter aceitação inquisitorial, bem como perante o público leitor, que, efetivamente, esperava este posicionamento, por desembocar em papéis sociais fixos que não deveriam ser violados.

¹⁴ Conferir o ensaio de Maria José Vaz Pinto “O que os filósofos pensam sobre as mulheres: Platão e Aristóteles” (2010, p. 21).

¹⁵ Conferir *Historia de la misoginia* organizada por Esperanza Bosch Fiol, Victoria A. Ferrer Pérez e Margarida Gili Planas (1999, p. 20-58).

Considerações finais

Bernarda Ferreira de Lacerda e Soror Maria Pimentel nos apresentam obras com características e temáticas diversas que são reveladoras da preocupação em torno do entendimento do papel da mulher e, mesmo se dizendo como biótipo inferior, atribuem às suas obras valor perante os seus leitores, visto tratarem de assuntos importantes: o do fato histórico alusivo à cristianização da Península Ibérica, e o da história religiosa do nascimento de Cristo, salvador da humanidade. Estas obras são reveladoras da capacidade de produção de mulheres escritoras anteriormente ao século XIX em Portugal, demonstrando que mesmo em meio a um descrédito das suas funções e capacidades intelectuais¹⁶, estas puderam se apossar de um gênero literário tão complexo e rígido como o modelo clássico do épico, estritamente interligado à autoria masculina, e assumiram seus papéis sociais estereotipados sem, no entanto, desprestigiarem seus trabalhos. Sobre essa problemática, da relação das mulheres com o gênero épico, Christina Ramalho corrobora nossas leituras e afirmações ao declarar que:

No momento em que as mulheres começaram a transpor uma significativa barreira imposta pelas injunções patriarcais que, de modo indireto (e às vezes direto) as exilavam da experiência épica, abriu-se a elas um campo significativo de atuação literária, uma vez que a epopeia, por sua complexidade estrutural, seus vínculos com o contexto histórico e as impregnações culturais místicas, pode se fazer instrumento não só para a construção de um revisionismo histórico-cultural, como para um redimensionamento das formulações teóricas que promovem as leituras críticas das experiências humano-existenciais (RAMALHO, 2005, p. 175).

Em suma, Soror Maria de Mesquita Pimentel e Bernarda Ferreira de Lacerda violam esse padrão pré-estabelecido, uma com um discurso religioso e outra com um histórico e cristão, se inspirando nas formas tradicionais do modelo épico para desenvolverem seu olhar de mulheres eruditas portuguesas do século XVII, demonstrando o quão pioneiras foram as escritoras portuguesas no contexto europeu.

Referências bibliográficas

ANÔNIMO. Nota prêvia. In: LACERDA, Bernarda Ferreira de. **Hespaña Libertada: poema póstumo, parte segunda, por sua filha Dona Maria Clara de Menezes**. Lisboa: Juan de la Costa, 1673.

¹⁶ Figueiredo chega mesmo a dizer que a produção literária feminina dos séculos XVII e XVIII “tem sido relegada em razão do seu valor secundário” (FIGUEIREDO, 1921, p. 9).

APRESENTAÇÃO, Damaso da. Licença. In: PIMENTEL, Soror Maria. **Memorial da Infância de Christo e Triumpho do divino Amor**. Lisboa: Jorge Rodriguez, 1639, [s.p.].

BARANDA, Nieves. Mujer, escritura y fama: la Hespaña Libertada (1618) de Doña Bernarda Ferreira de Lacerda. Península. **Revista de Estudos Ibéricos**, Madrid, n. 0, p. 225-239, Maio 2003. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo12691.pdf>. Acesso em: 29 maio 2014.

BARROS, Thereza Leitão de. **Escritoras de Portugal: Génio Feminino revelado na Literatura Portuguesa**. Vol. I. Lisboa: Tip. António B. Antunes, 1924.

CIDADE, Hernâni. **A Épica Portuguesa sob o Domínio Felipino**. Separata da Revista Guimarães. Porto: Tip. Costa Carregal, 1940.

CINTRA, Luís F. Lindley. **Crónica Geral de Espanha de 1344**. Edição crítica do texto português por Luís F. Lindley Cintra. Lisboa: Academia Portuguesa de História, 1951.

CONDE, Antónia Fialho. Espaço literário feminino. A obra de Soror Maria de Mesquita Pimentel. In: OLIVEIRA, Francisco et al. (Orgs). **Espaços e paisagens: antiguidade clássica e herança contemporânea**. Vol. 2. Coimbra: APEC, 2009, p. 353-360.

FIGUEIREDO, Fidelino. **A Épica Portuguesa no século XVI**. Edição fac-similada. Apresentação de António Soares Amora. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1987.

FIGUEIREDO, Fidelino. **História da Literatura Clássica (1580-1756)**. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1921.

FIOL, Esperana Boch; PÉREZ, Victoria Ferrer; PLANAS, Margarida Gili. **História de la misoginia**. Palma de Mallorca: Universitat de les Illes Balears, 1999.

LACERDA, Bernarda Ferreira de. **Hespaña Libertada**: primeira parte. Lisboa: Pedro Casbreeck, 1618.

LACERDA, Bernarda Ferreira de. **Hespaña Libertada**: poema póstumo, parte segunda, por sua filha Dona Maria Clara de Menezes. Lisboa: Juan de la Costa, 1673.

MACHADO, Diogo Barbosa. **Bibliotheca Lusitana**. Lisboa: Of. Antonio Isidoro da Fonseca, 1752.

MENDES, Luiz. Soneto. In: PIMENTEL, Soror Maria. **Memorial da Infância de Christo e Triumpho do divino Amor**. Lisboa: Jorge Rodriguez, 1639, [s.p.].

MORUJÃO, Isabel. **Por trás da grade: poesia conventual feminina em Portugal (sécs. XVII-XVIII)**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2013.

MORUJÃO, Isabel. **Por trás da grade: poesia conventual feminina em Portugal (sécs. XVII e XVIII)**. Porto, 2001. Tese (Doutorado em Literatura Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade do Porto.

PIMENTEL, Soror Maria de Mesquita. **Memorial da Infância de Christo e Triumpho do divino Amor**. Lisboa: Jorge Rodriguez, 1639.

PINTO, Maria José Vaz. **O que os filósofos pensam sobre as mulheres: Platão e Aristóteles**. In: FERREIRA, Maria Luísa Ribeiro (Org.). **O que os filósofos pensam sobre as mulheres**. São Peopoldo: Editora Unisinos, 2010, p. 17-40.

RAMALHO, Christina. **Elas escrevem o Épico**. Prefácio de Simone Caputo Gomes. Santa Catarina: Editora Mulheres/EDUNISC, 2005.

SARAIVA, António José. **A Épica Medieval Portuguesa**. Lisboa: Instituto de Cultura Portuguesa, 1979.

SILVA, Fabio Mario. A Virgem Maria, a heroína épica de Soror Maria de Mesquita Pimentel (1581-1661). **Revista Navegações**, Porto Alegre, v. 7, n. 1, p. 55-60, jan.-jun. 2014. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/navegacoes/article/view/1540>. Acesso em 21 nov. 2014.

SILVA, Fabio Mario da; VILELA, Ana Luísa. Duas escritoras ibéricas do século XVII: Bernarda Ferreira de Lacerda e Mariana de Luna. **Labirintos**, v. 4, n. 7, p. 1-13, 1.º sem. 2010. Disponível em:

http://www.uefs.br/nep/labirintos/edicoes/01_2010/06_artigo_fabio_mario_da_silva_ana_luis_a_vilela.pdf Acesso em 23 fev. 2014.

SILVA, Innocencio Francisco da. Soror Maria de Mesquita Pimentel. In: SILVA, Innocencio Francisco da. **Diccionario Bibliographico Portuguez**. Tomo 6. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1858, p. 141-143.